

# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

∞ O programa e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞

## MODAS.



uma verdade incontestavel — o barato são caro. — Este axioma é rasteiro, mas não admite questão, porque os factos

fallão bem claro.

Compramos uma fazenda, muitas vezes bem bonita, que nos custou pouco dinheiro; e porque não queremos que o feitiço importe em mais do que ella, ahi vamos entregal-a com 14 ou 20 covados ás mãos de uma desconhecida com arrufos de modista, a qual por muito baratinho nos prepara um vestido, e, por muito baratinho, nos deixa ficar mettidas em um montão de pregas e pápos e defeitos, que Deus não nos deu, mas emprestou-nos a nossa mal entendida economia.

Daqui resulta ir de novo o vestido a concertar, fazer e refazer-se, e por fim nunca mais toma geito, e perdemos a fazenda, o importe, o feitiço e a paciencia, tudo isto porque não qui-

zemos que o feitiço salisse mais caro que a fazenda! Deixamos por tanto de possuir de uma fazenda bonita e de pouco dinheiro, um vestido bem acabado que representaria pela elegancia do seu talho muito mais do que elle vale, para passarmos pelo dissabor de não irmos ao baile, ou a outra qualquer reunião interessante, porque o vestido sahira mal feito das mãos da costureira, que leva pouco dinheiro de feitiço. Faz morrer de raiva!

Quantas bellezas gentis e fascinadoras confundem a sua natural elegancia por entre os vestidos mal talhados e contrafeitos!

Quereis vel-as em toda a sua completa gentileza? ide á sua casa; o seu vestuario caseiro assenta-lhe perfeitamente bem; ella está livre, o seu corpo não se volta arrojado e com difficuldade entre os apertos de um mão espartilho; e quereis saber? O vestido é feito mesmo em casa. E não é melhor assim?

Não é bem entendida aquella economia, porque pagamos com o corpo o pouco que a algibeira suppõe economisar; e o que é ainda peor, é passarmos por mal-vestidas, ou por mal-feitas.

As nossas criadas, que em geral são pretas, também cooperão em grande parte para isso: sem nenhuma experiencia e sempre materiaes, ellas não sabem distinguir com olhar caprichoso o vestido bem feito do mal feito, e quando são consultadas ao tocador, ou le muitas vezes sua senhora não se pode ver por detrás, respondem com todo o seu materialismo — *está bem bom sim senhora* — e a moça sãe d'ali convencida de que está bem vestida, porque só se preparou por diante, e o resto confiou aos cuidados da mucamba.

A elegancia de um vestido está em o bem tallado do seu corpinho e na sua cintura bem calculada; um maior ou menor numero de pregas tomadas na roda da saia que não guardem proporção com o corpo e a largura dos hombros, isso só será bastante para que a moça não fique bem vestida.

Se ella for gorda por certo que os seus vestidos e os seus enfeites devem soffrer uma modificação em todas as suas dimensões e caprichos, os quaes se alterão pelo contrario em nós magrinhas, guardando sempre, como levo dito, as competentes proporções.

No tempo em que foi moda em Paris a cintura despropositadamente comprida para *certas moçoilas*, o mundo elegante já mais lançou mão de semelhante despropósito, porque, perspicaz e ágil, para logo antevia as suas grandes inconveniências; e o que fez? conservou a moda, mas conservou-a na altura que lhe foi mais commodo. No Rio de Janeiro porém outro tanto não aconteceu; todos usarão cintura comprida, quer pudessem, quer não pudessem, e por tanto tempo predominou esta moda, que hoje, usando-se a cintura um pouco mais curta, ainda ha entre as nossas elegantes algumas que preferem a *moda velha*, allegando para isso o costume em que já estão. Tal é a força do uso que nos faz habituar, até aos soffrimentos!

Soffrimentos, digo eu, porque não entendo que a cintura da maior parte das moças possa descer do seu natural tres ou quatro dedos, sem que ellas soffrão, e soffrão muito, o archo do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as formas naturaes, certo que as deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos. Um mal feito espartilho também contribuirá muito para esse estado mortal.

Eu nunca segui o extremo da moda por es-

sa razão; acompanho nesse ponto as elegantes parisienses, que *tallão-na segundo* as melhores conveniências: se a cintura é curta de mais e encommoda-me, colloco-a mais abaixo; se é comprida e tira-me o talhe do corpo, vae mais para cima, e sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me ao trabalho de a copiar polegada por polegada.

Ha muito tempo que os manteletes estão em moda sempre com proveito e bons resultados; não se pode duvidar que é moda bonita e elegante; mas nesse intervallo os manteletes têm feito diversas mudanças, e eu ainda vejo alguns, novinhos do trinque, pelo molde dos primeiros que se usarão! De que provem esta confusão? Não será pelas razões que acabei de expor?

Vos direi que os manteletes da moda são os de ponta de chale, atraz, costura nos hombros, e de pontas adiante. Estes manteletes fazem-se pequenos e são acrescentados por uma ou duas ordens de renda de lã, larga, ou de *guipure* de seda, preta, ou da mesma cor da seda do mantelete. O molde porém mais moderno é o do — mantelete manta — sem costura nos hombros, redondo atraz, e de pontas adiante, guarnecido de renda larga de seda bordada de — *jaspé*. Este feitiço não sómente é o mais moderno, como também é o mais apropriado para a estação em que nos achamos, pela razão de fazer o effeito de uma manta e deixar os hombros inteiramente descobertos. Os de seda furta-cores sempre são os mais preferidos.

Acima porém de todos estes, estão com toda a preferencia os manteletes de renda preta, que são sem duvida alguma os de mais bom gosto e os mais ricos.

Adeus por esta vez.

Caletta, 43 de Ferevereiro.

## Estudos sobre a Educação.

(Continuação.)

Antes de desenvolvermos as nossas idéias sobre a educação, queremos fixar e estabelecer clara e precisamente o sentido da palavra — Educação. Pouco extenso é o numero d'aquelles que se dão ao trabalho de analizar e comprehender sua importancia, e que, dos preceitos são de uma moral bem estabelecida e solidamente baseada, pretendão differenciar-lhe os erros. A educação soffre o destino de todas as doutrinas que tendem á realisação do porvir

da humanidade: está reduzida a uma palavra que se pronuncia sem comprehender-se primeiramente o que ella quer dizer.

O que deveremos pois entender por educação?

Quaes as bases sobre que deve versar esta doutrina?

Entenderemos por educação essas habilidades agradáveis ou frivolas, que ornão de leve o espirito sem illustrar-o?

Entenderemos por educação esse verniz polido e brilhante, de maneiras calculadas, que fezou o distinctivo do homem de sociedade?

Entenderemos por educação o trajar mais ou menos elegante dos individuos?

Entenderemos por educação os proprios conhecimentos artisticos ou scientificos que adornão um individuo, e que as vezes o denotão como um homem de talento?

Não, mil vezes não.

A educação não é uma palavra.

É um principio que não entende só com o espirito. O seu pedestal é o coração: a educação é o aperfeiçoamento moral e intellectual do individuo; a educação é a nossa segunda natureza e a péa das más paixões.

A educação é a rectidão, a honra, a justiça, a probidade, é o verdadeiro conhecimento dos nossos deveres para com os nossos semelhantes e para com nosco.

A educação são as nossas acções, é o nosso procedimento.

Vesti um homem de ouro, collocai-o em um palacio, se o seu proceder for máu, jamais será um homem de educação.

Entendemos por base unica de toda a educação — A RELIGIÃO, O AMOR A DEUS — symbolizado na humanidade.

Toda a formula religiosa nos é necessaria, porque não ha natureza humana, por destituida de intelligencia que ella seja, que não sinta a necessidade da poesia e do maravilhoso, que não procure a realisação destas duas bellas instituições divinas, já nas tradições populares, já no formulario religioso; porque a religião é outra necessidade inherente ao coração ou ao espirito, onde quer que colloqueis os sentimentos, as paixões e os instinctos. D'aqui porém não deve concluir-se que o ensino religioso se encerra no habito de suas formulas.

A educação, entendemos nós, deve despertar e desenvolver no coração o imperio da

consciencia, para que ella dirija as nossas acções reprovando os más, e auxiliando-nos com a força moral no difficil desempenho das virtudes e d'aquelles deveres, que as vezes vão de encontro ou ás nossas paixões ou aos nossos interesses.

Emprehenda-se a educação da mocidade ensinaudo-se-lhe, por meio de uma linguagem pura, a fallar com a alma e com as acções ao Supremo Creador do Universo. Ensinae-lhe a doutrina da verdade, ensinae-lhe a respeitar a virtude e a intelligencia, porque são attributos divinos; dizei á mocidade — não ha se não uma maneira de amar a Deus: praticando a caridade; realisando, em todas as fazes de nossa vida as divinas palayras do Mestre dos Apostolos.

Não fazer aos outros aquillo que não desejamos para nós.

A indulgencia com os defeitos alheios; a prudencia e a paciencia com os más, deve ensinar-se praticamente, desde os mais tenros annos da mocidade.

Uma falta sensivel nos estabelecimentos de educação é sem duvida a de um livro que esteja ao alcance da intelligencia das crianças, e que contenha os principios de que fallamos; livro não escripto para ser lido, mas sim para ser praticado; livro em fim que incluisse as bases sobre as quaes deve fundar-se a educação, que servisse de estudo aos mesmos professores.

Trememos apesar nosso quando vemos a indifferença com que é olhada a educação!

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a analyze de certos conhecimentos vulgares, e que nuncá se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos, nem sobre o comportamento d'aquelles individuos encarregados de tão ardua e difficil tarefa!

Trememos quando vemos chegar um estrangeiro, que ninguem conhece as vezes, e abrir um collegio com a mesma facilidade com que abrija um botequim!

E ninguem lhe pergunta nada! ninguem indaga se essa creatura tem comprehendido as necessidades da sociedade, nem as maneiras porque elle interpreta — a educação!

Um collegio é uma especulação como outra qualquer — nada mais!

Fallem os meninos inglez, ou francez, chegue um dia em que nem o fillo entenda o pae, nem o pae entenda o fillo, e (oh! ventura!) a educação será completa! (Continua.)

## ESTUDOS.

Primeira lição.

Se o permitirdes, minhas queridas leitoras, vamos começar uma serie de lições bem explicitas, e que com toda a possível clareza hão de conduzir-nos ao fim a que eu me tenho proposto.

Na verdade aquillo que eu vos dizer é mais fructo da inspiração e de minhas proprias reflexões, do que obra de aturado calculo sobre os livros.

Já fui muito afeiçãoada á leitura; depois que aprendi a horrivel sciencia de ler no coração humano, prefiro-a á dos livros.

Este mundo é um livro aberto para quem nelle quizer estudar os homens, os acontecimentos e a verdade.

Por isso francamente vol-o digo, não posuo profunda erudição, mas para attingir os meus propósitos, que são a vossa verdadeira illustração, podem servir muito bem os meus pequenos conhecimentos.

Ora vamos nós tratar de assumpto muito sério.

Vamos tratar, nada menos, que da definição de uma palavra.

A Philosophia! Deus nos acuda! que proféri! o dragão das sete cabeças é menos assustador, que a idéia, de que as mulheres possuão comprehender o sentido desta palavra, que não haverá quem ebame o — *Coco dos meninos!* —

Quantas applicações tão diversas não soffre esta infeliz palavra!

Ve-se um sujeito, deleixado, ás vezes *páreo*; está dito, aquelle é um Philosopho!

Ve-se outro, maníaco, amigo de andar sentando-se nos cantos, amigo de passear sozinho e de vagar: está Philosophando!

De maneira que, para o vulgo, a Philosophia não tem a sua verdadeira definição.

Vamos nós então saber o que vem a ser a Philosophia.

A Philosophia é a coisa mais simples do mundo.

É uma sciencia dividida em tres partes.

A 1.ª trata do conhecimento de nós mesmos — O estudo da nossa alma; a analyse das nossas faculdades moraes, dos nossos sentimentos, paixões, sensações e impressões.

Já vedes que esta primeira parte nada tem de medonho e de impossivel, que não possamos comprehender, porque não ha nada mais simples.

Possuimos *uma alma* emanação do Creator. — Esta alma, cujo organismo invisivel pode comparar-se ás molas e rodas de um relógio, é o principio de todo o conhecimento; por isso o estudo de nós mesmos, será sempre a base de qualquer outro estudo que emprendermos. —

Uma vez separados de mundo exterior e recolhidos em nós mesmos, o primeiro facto que comprovamos é o da nossa existencia pelo-Eu.

Depois sentimos a consciencia que nos adverte de todos esses phenomenos, ou sensações singulares, que sentimos sem poder explicar.

O testemunho da consciencia é irrecusavel; nos juisos do espirito pode admittir-se o erro; mas n'aquillo que a nossa consciencia nos demonstra pela dôr, pela alegria, pelo remorso, ou por outra qualquer das emoções moraes, não ha engano — porque todos nós, sentimos — como sentimos.

A consciencia é applicavel á intelligencia tambem; e ella da-nos a tacita convicção da nossa liberdade moral e intellectual.

Esta liberdade vem a ser.

O livre alvedrio — ou livre arbitrio.

Já vedes que, se Deus nos quiz dar estas faculdades todas, a culpa não é nossa; porque elle não nos fez como o Polypo?

O livre — alvedrio — Não é o desenfreado das paixões como não faltará quem assim o interprete. Não é praticarmos as nossas vontades, contra a razão e contra a justiça; nem em opposição aos nossos deveres, nem de encontro ás convenções da sociedade.

O livre alvedrio, ou para melhor dizer, a liberdade d'alma humana, é um presente da ineffavel bondade do Creator, pelo qual nos deixa a escolha dos nossos pensamentos, das nossas afeições, que só recebem a lei da sympathia ou attracção; liberdade que uma vez verificada pelo facto intimo da consciencia, nos inspira a dignidade de toda a creatura que comprehende, que existe, pensa, e sente de per si.

Quatro horas e meia da madrugada — é tempo de dormir — Na proxima lição continuaremos a nossa tarefa — Lede, reflecti, e comprehendereis esta lição. (Continua.)

### A SEMANA.

(Continuação.)

A semana por tanto é tristonha e amorada para os taes sujeitos. Vispóra, não pres- tou para nada.

# JORNAL DAS SENHORAS

SOUVENIR

por

F. J. Nanorika



Voi

*Oh sœur...*

*Andantino*

Piano

*rir rempli de char... mes sœur... rir du premier a...*

*mour Tu m'as bien fait verser des larmes Mais il*

1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup>

est pa...sée sans re...tour Oh! Sou...ve...-tour si je pou...

...vais la... voir en...co...re Comme une' ro...se au prin...

...ten... di...rai Ah! Je va...do...re je suis le

ma...thou... des a...ments

Sa bouche si rose et belle  
 Ne répétait qu'elle m'aimait  
 Que sa flamme et ait éternelle  
 Que notre amour était parfait.





GR 9x

Pois eu não penso assim; conheço que sou exquêsita nesse particular, mas é meu gosto. Penso por outra forma mui diferente, seguindo o meu genio e o *lamiré* que me dá a orchestra deste mundo. Vejamos. A semana para mim é alegre:

Se durante os seus seis dias houve bom tempo, claro e fresco, que é para não se alterar o meu *rhumatismo*, de cuja enfermidade estou soffrendo agora, graças a *gota* do meu santo esposo, que em moço, dizem, que foi um *santo rapaz*:

Se todas as familias com quem me visito paixão bem de saúde, que é para lhes comer os bolinhos e tomar-lhes o chá, dansando cantando e conversando:

Se os maridos não brigão com as mulheres á minha vista, que é para não me ver eu tanta depois entre elles, que me chamão ao mesmo tempo para lhes eu dizer qual dos dois teve mais razão: naturalmente todos dois, porque em *briga de marido com mul er ninguem se deve metter*:

Se á luz veio algum *né-né*, cujo baptizado se ha de fazer com função-historiada e convites á corte, que é para eu mandar fazer mais um vestido bonito: gosto muito do passeio que faço no dia que vou provar um vestido.

Além disto tambem gosto da semana cheia de bailes, partidas, theatros, cavalinhos, touros, carneiros, galinhas e perús.

Gosto da — *Regata* — a qual vem a ser uma apposta entre muitos, em que ganhão muito poucos, em botes a remar, até ver qual chega primeiro ao ponto marcado, cubertos de gloria os que ganharão e lavados de suor e raiva os que perderão.

Gosto das *corridas dos malacaras, malacarinhas, piparotes, andorinhas*, e outros nomes inglezes, francezes, turcos e alemães dos cavallões, cavallicoques e cavalinhos, que teem dado á perna muito bonito no Prado fluminense, lugar onde não posso estar séria por mais que queira; muito me rio e me divirto á custa dos Snrs. homens e seus bucefalos; mas é só d'aquelles que querem e não podem, isto é, que querem ser cavalleiros e não sabem andar a cavallo. Ora a graça de apresentarem ali um cavallo penteado á Stuart, não é de tanto espirito? Não vos parece que em tal caso seu dono por um triz que não nasceu da mesma especie? Eu penso que sim.

(*continua.*)

## Linguagem das Flores.

(*Continuação.*)

ATTRIBUTOS DE CADA HORA DO DIA ENTRE OS ANTIGOS.

- UMA HORA. — Um ramilhete de rosas abertas.  
 DUAS » — Um ramilhete de héliotropa.  
 TRES » — Um ramilhete de rosas brancas.  
 QUATRO » — Um ramo de hyacinthos.  
 CINCO » — Alguns limões.  
 SEIS » — Um ramilhete de lothus (lofão).  
 SETE » — Um ramilhete de lupinos.  
 OITO » — Laranjas.  
 NOVE » — Folhas de oliveira.  
 DEZ » — Folhas de álamo.  
 ONZE » — Um ramilhete de malmequeres.  
 DOZE » — Um ramilhete de amôres perfectos e violetas.

(*observações.*)

Para substituir os hyacinthos, que são raros no Rio de Janeiro, indicamos as *Griffinias*; e para designar *dia ou noite* enlearem cada estiblena com um ramo de *Ipomea* para indicar as horas do dia, ou lhe ajuntaremos um ramo de *maravilha* para as da noite.

Achão-se no estabelecimento de horticultura de J. Rufino R. V. em S. Christovão, todas as plantas ou flores emblematicas descriptas nos nossos artigos.

### DAS ROSAS.

ROSEIRA. *Lin.* (*F. rosaceae*).

ROSA-BELLEZA. — Não ha flor que tenha sido mais procurada e exercitado geral admiração, como seja a rosa! Citada em muitas passagens da biblia como typo da graça, da belleza, glorificada por todos os authores gregos e latinos, celebrada por todos os poetas que com justiça lhe chamão — filha do Céu, ornamento da terra e gloria da primavera, tem sido em todos os seculos, em todos os tempos objecto de attenção e de cuidados entre os povos civilisados.

E porque tem a rosa obtida e conservada, até o presente, o bello titulo de rainha das flores? E' porque reúne todas as perfeições, que se podem desejar em uma flor. A seductora

tafalaria do seus botões, a elegante disposição de suas pétalas entre-abertas; o contorno gracioso de suas flores abertas lhe dão a maior belleza. Não ha perfume mais suave e mais doce, que se lhe possa comparar; a rubra cor imita o rosto animado das bachantes, ora sua alvura virginal torna-se o emblema da innocencia e da candura.

Cultiva-se a roseira desde a mais remota antiguidade. A rosa com folhas, a mais perfeita das rosas, cuja origem se perde na nite dos tempos, é devida evidentemente á cultura. A maior parte das espécies selvagens, successivamente melhoradas, produzirão pouco a pouco grande numero de variedades, que, sem offerecerem a regularidade e a perfeição symetrica da com folhas, são sem duvida alguma de effeito mais artistico, por sua disposição mais comprimida e elegante.

A amadora que quizer possuir uma rica e escollida colleção de roseiras deve procurar os melhores typos em cada raça.

A rosa é o emblema de todas as idades; a interpetre de nossos sentimentos, e se entremette nas nossas festas, nas nossas alegrias, e nas nossas dores. O Jubilo coroa-se de rosas, o casto pudor serve-se de seu delicado nacar, e a comparão á belleza; da-se por preço a virtude; é a imagem da innocencia, do prazer e da juventude, dedica-se a Venus e é rival da propria belleza; como ella, possui a graça mais bella ainda, do q e a belleza.

(Continua.)

### Um jantar em dia de annos.

Achava-me no anno de 1845 em certa cidade que agora não é preciso nomear. Tinha levado muitas cartas de recommendação, e entre ellas uma para um sujeito d'aquelles que pertencem n'este mundo ao numero dos entes felizes; era rico e gozava da reputação de engraçado, de traquino. Fallando-se delle dizião: « Fulano? Jesus, que judeu; onde elle está ninguem fica serio. » Com effeito, o tal homem fazia esforços sobre humanos para conservar sua reputação de homem de espirito; se entrava n'uma sala, fazia muitos rapa-pés, muitas mesuras, muitas caretas; se pilhava uma cadeira meia descollada, esfrangalhava-a; outras vezes, acaí ando de tomar chá, atirava com a chicara para o tecto, dizia elle para ver o que

faria a chicara ven-lo-se em taes alturas; vezes havião em que dava-lhe para apagar as velas, etc. De conseguittue onde elle estava, não se esperasse conversação seria, nem aquelles gozos da boa educação, em que uma alegria tranquilla e bem feitora, differente d'essas rizadas, desses gritos, dessa alegria frenetica e tumultuosa, tão semelhante a embriaguez. Pois este santo homem lembrou-se de dar um jantar no dia de seus annos, e fez-me a honra de convidar. Não foi sem susto que aceitei; porque, fallando a verdade, sempre gostei pouco de gente que se enpenha em ser engraçada, e que suppõe que todos estão de humor para aturar gracejos, que nunca podem passar de tolices. Aceitei pois, com a mesma resignada submissão com que aceitaria uma penitência. Chegou o dia fatal, e fui a casa de um amigo do tal homem, o qual me devia acompanhar; lembro-me que trajava como deve trajar um individuo que se apresenta n'uma casa pela primeira vez. Assim pois, logo que o tal amigo me divisou, poz-se a gritar:

— Homem, que é isso para que veio você de casa?

— Pois então, como havia de vir?

— Como? de jaqueta, homem de Deus!

— Porém, redargui ainda, isso não seria bem feito; é a primeira vez que lá me apresento, e . . . .

— Jesus! que asneira! que etiqueta! Qual! é melhor que você vá de jaqueta, porque o jantar é de confiança.

— Mas, Sr. F. . . veja vm. que não são as abas de minha casaca que hão de impedir a confiança.

O patusco que era da laia do que dava o jantar, não me respondeu; enfiou-me o braço, e lá subimos a um 3º andar! Ah! desestrado de mim! antes fosse em mangas de camisa! Assim que me avistarão, começou um barulho, uma gritaria . . . e, sem ouvir-me sem attender aos meus rogos, metterão-me n'um quarto, tirarão-me a casaca e introduzirão-me por força n'uma jaqueta do dono da casa, que bem podia servir de dominó n'um dia de carnaval. Em fim escapei das mãos d'aquella boa gente, que entende que só se pode divertir quem está de jaqueta; assim mesmo dirigi-me á sala para fazer os meus cumprimentos a dona da casa; aqual não estando ali, logo suppuz que estaria na cozinha; porque, se as pretas estavam em signo de leão, que outro remedio que

ir a cosinha e fazel-as andar à força de palmatoria ou de vergalho? Com tudo, por esta vez até esse calculo foi errado; a pobre senhora estava la dentro tendo um menino, e suffocando seus gemidos para não perturbar a festa. Estavamos no rigor do verão, e a nove grãos do equinocial; quero dizer, o calor era quasi insupportavel: pois nem por isso estavam socegados um momento. Danse-se a polka, era e brado geral, brado impio e nefando, obrigar um cristão a pular e mexer-se, quando por sua vontade ficaria quieto e socegado! Por fim chega a hora de jantar: já se sabe que havia quarenta convidados em mesa de vinte talheres! Que algazarra! que gritos! que barulho! Lá vem um que quer trinchar, e horrifa os visinhos com o molho da galinha; outro que dá com o cotovello n'um copo e envia seu conteúdo ao vestido de uma senhora, que em vão procura disfarçar sua sensibilidade; seus olhos buscão o irritado esposo, que ao mesmo tempo que ri e folga com os outros, atira um beliscão ao braço da desditosa metade. Ah! o que a aguardará de noite lá em casa? infeliz! Ai! que é isto? É uma criança que vem por debaixo da meza pedir doce e com a sua innocencia vai agarrando todas as pernas sem perguntar de quem são. E este outro sujeito que logo que engole um bocado, toma uma gigante pitada, e que no meio de uma risada lhe principia a pingar do nariz certo liquido desagradavel?... Por fim acabou-se de jantar, e fomos para a sala. Polka, a polka, gritarão todos. Ah! tre-gua, piedade! Nada, nada, polka para digerir o jantar! Em fim, pude escapar-me e correr para o meu hotel, onde jurei não aceitar convite algum para jantar, com medo das jaquetas e das polkas.

## POESIA.

### UMA MANHÃ NO COSHU VERDE.

#### SONETO.

Como surge tão meiga a bella Aurora  
Em carro de sapliras reclinada!  
Como a vasta campina matisada  
Ostenta caprichosa os dous de Flora!

A celeste Diana já descora  
No horizonte, fugindo envergonhada,  
Em quanto ao lindo albôr da madrugada,  
Da noite o negro manto se evapora.

Ali, trina o canario docemente,  
Terna fonte saudosa, aqui murmurava,  
E o rio se espergüça mansamente.

Quanto é bello o sorriso da Natura!  
Que en'êro de prazer meu peito acute  
Contemplando do prado a formosura!

Analia.

#### PARODIA.

Si eu fóra dós bosques o echo saudoso,  
Teu n' me adorado faria soar;  
Si eu fóra da briza seu leve hafejo,  
Teu meigo semblante iria beijar.

Si eu fóra dos campos o lirio innocente,  
Quizera em teu peito meu brilho ostentar;  
Si eu fóra dos céos um astro brilhante,  
Em teus lindos olhos me havia mirar.

Si eu fóra rainha do orbé terrestre,  
Humilde a teus pés me havia curvar;  
Si eu fóra do Olympo a deosa formosa,  
Contigo na terra quizera habitar.

Si eu fóra das musas a filha querida  
Si a lyra de Sapho pudesse pulsar,  
Teu raro talento, teu estro sublime,  
Nas cordas de ouro, me viras cantar.

Porém não sou echo, nem briza suave,  
Nem filha das musas, nem astro a brilhar;  
Sou novel trovista, que, longe do Pindo,  
Teus versos eximios não pode imitar.

Analia.

#### D. D. G.

a minha querida amiguinha Eulalia Theodora de Noronha.

Accita cara amiguinha  
Estes versos mal formados,  
Que por meiga sympathia,  
Forão elles inspirados.

Desabrochando no prado  
Vermelho botão de rosa,  
E' menos bello que o rosto  
De minha Eulalia mimosa.

Se ao romper douradas nuvens  
A fresca aurora e formosa  
E' mais linda em seus sorrisos  
Amiinha Eulalia mimosa.

D'alra a estrella scintillante  
De todas mais preciosa,  
Brilha aenos do que os olhos  
De minha Eulalia mimosa.

Nesmo quebrando o silencio  
Són da fruta maviosa,  
E' menos doce que a voz  
De minha Eulalia mimosa.

Ave de Venus querida,  
Meiga rollinha amorosa,  
E' menos candida e bella  
Que minha Eulalia mimosa.

Innocente como os aujos  
Como elles graciosa,  
Exulte da natureza,  
E' minha Eulalia mimosa.